

Aula 19 – Variação Morfossintática no PB: O Sistema Pronominal

Olá! Seja muito bem-vindo(a) à nossa jornada pela fascinante Sociolinguística. Sei que o dia pode ter sido longo, mas prepare-se para uma aula que vai mudar a sua forma de enxergar a língua portuguesa, especialmente o nosso sistema pronominal. Esqueça um pouco as regras rígidas que talvez você tenha aprendido e venha descobrir a riqueza e a lógica por trás da forma como realmente falamos e escrevemos no Brasil.

Nesta aula, não vamos apenas memorizar regras, mas sim entender o "porquê" das coisas. Por que dizemos "tu foi" em alguns lugares e "você foi" em outros? Onde foi parar o "vós"? E por que a colocação dos pronomes "me", "te", "lhe" parece tão diferente na fala e na escrita? Ao final deste encontro, você será capaz de analisar criticamente a variação morfossintática do sistema pronominal no Português Brasileiro, identificando suas distribuições geográficas e sociais, e compreendendo como essas variações se relacionam com a construção de identidades e o preconceito linguístico.

Este conhecimento é crucial não só para a sua formação acadêmica e para cumprir aquelas horas complementares importantes, mas também para quem busca excelência em concursos públicos. Entender a língua em sua complexidade real, e não apenas em sua forma idealizada, é um diferencial para a interpretação textual, a produção de redações mais conscientes e, claro, para a vida profissional e pessoal. Prepare-se para conectar o que você já sabe sobre a gramática com as dinâmicas sociais que moldam a nossa comunicação diária.

O Dilema do "Tu" e "Você": Mais que uma Escolha Pessoal

Já parou para pensar por que, em uma mesma conversa, você pode ouvir alguém dizer "Tu foste ao mercado?" e, logo depois, "Você foi ao mercado?"? À primeira vista, pode parecer apenas uma questão de preferência individual, quase como escolher entre café ou chá. No entanto, a realidade linguística do Brasil nos mostra que essa escolha é muito mais profunda, revelando padrões complexos de distribuição que vão além do gosto pessoal.

Essa aparente dualidade entre "tu" e "você" é um dos fenômenos mais fascinantes da variação morfossintática no Português Brasileiro. Ela não acontece ao acaso, mas segue lógicas que se manifestam em diferentes regiões do país e em distintos contextos sociais. É como se o Brasil fosse um grande mapa de climas linguísticos, onde cada zona tem sua própria "temperatura" para o uso desses pronomes.

Ao explorarmos essa distribuição, percebemos que não se trata apenas de uma questão de "certo" ou "errado", mas de entender como a língua se adapta e se molda às comunidades que a utilizam. Compreender essa dinâmica é essencial para qualquer profissional que lide com a comunicação, seja na elaboração de materiais didáticos, na redação de documentos ou na interação com públicos diversos, pois permite uma comunicação mais eficaz e respeitosa das variedades linguísticas.

As Raízes da Variação: Um Olhar Histórico e Social

Para desvendar o mistério por trás da distribuição de "tu" e "você", precisamos fazer uma pequena viagem no tempo. A história desses pronomes é um exemplo claro de como a língua é um organismo vivo, em constante transformação, e não uma estrutura estática e imutável. O que hoje vemos como uma variação regional e social, tem suas raízes em processos históricos complexos que moldaram o português que falamos.

Evolução Histórica

Originalmente, "tu" era o pronome de segunda pessoa do singular, usado para tratamento informal, enquanto "vós" era o plural. Para situações de maior formalidade ou respeito, utilizava-se a expressão "Vossa Mercê", que, com o tempo, sofreu uma série de transformações fonéticas e morfológicas, evoluindo para "Vossemecê", "Vosmecê", até chegar ao nosso familiar "você".

Esse processo de "pronominalização" de uma forma de tratamento é comum em várias línguas e mostra a flexibilidade do sistema.

Essa evolução não ocorreu de forma homogênea em todo o território brasileiro. Fatores como a colonização, a urbanização, a migração e até mesmo a influência da mídia desempenharam papéis cruciais na consolidação de "você" em algumas regiões (especialmente no Sudeste e Centro-Oeste) e na manutenção do "tu" em outras (como no Sul e em partes do Nordeste). Entender essa trajetória nos ajuda a ver a língua não como um conjunto de regras arbitrárias, mas como um reflexo da nossa própria história e das interações sociais.

A Mistura que Desafia a Norma: "Tu Foi" e Outras Construções

Imagine a seguinte situação: você está conversando com um amigo do Sul do Brasil e ele diz: "Tu foi na festa ontem?". Se você foi ensinado(a) pela gramática normativa, talvez essa frase soe estranha, pois a concordância esperada para "tu" seria "foste". No entanto, essa construção é extremamente comum e natural em diversas regiões do país, revelando um dos fenômenos mais intrigantes da variação morfossintática.

O Fenômeno

Essa "mistura" de pronomes e formas verbais, onde o pronome "tu" (de segunda pessoa) aparece conjugado com verbos na terceira pessoa (como em "tu foi", "tu faz", "tu gosta"), não é um "erro" aleatório.

A Lógica

Pelo contrário, ela segue uma lógica interna que se consolidou em muitas comunidades de fala. O que acontece é uma espécie de reanálise: o "tu" passa a ser tratado, em termos de concordância verbal, como se fosse um pronome de terceira pessoa, alinhando-se com o padrão de "você".

Essa construção é como um "híbrido" linguístico, que combina elementos de dois sistemas diferentes para criar uma nova forma de expressão. Ela reflete a tendência de simplificação e regularização que a língua muitas vezes busca, especialmente na fala cotidiana. Para quem atua em áreas que exigem o domínio da norma culta, como em concursos, é fundamental reconhecer que essa variação existe, entender sua lógica e saber diferenciá-la do uso formal, sem, contudo, estigmatizá-la como simplesmente "errada".

Conceito	Âmbito/Aplicação	Base/Origem	Exemplo (Uso Comum)
"Tu" (Norma Culta)	Escrita formal, discurso acadêmico, algumas regiões	Gramática tradicional, concordância de 2ª pessoa	Tu foste, tu fazes
"Tu" (Uso Popular)	Fala informal, diversas regiões do Brasil	Reanálise do pronome, concordância de 3ª pessoa	Tu foi, tu faz

O "Tu Foi" sob a Lupa da Sociolinguística da Terceira Onda

Quando falamos sobre construções como "tu foi", a Sociolinguística da Terceira Onda nos oferece uma perspectiva ainda mais rica e profunda. Longe de se limitar a classificar a variação como um simples desvio da norma ou uma correlação estrita com classes sociais, essa abordagem nos convida a olhar para a agência do falante e para como as escolhas linguísticas são ferramentas ativas na construção de identidades e estilos.

Agência do Falante

Nesse sentido, o uso de "tu foi" ou outras formas não normativas não é apenas um reflexo passivo de uma condição social, mas uma escolha, muitas vezes inconsciente, que contribui para a forma como nos apresentamos ao mundo.

Código Linguístico

É como um "código de vestimenta" linguístico: dependendo do grupo social ao qual queremos pertencer ou da imagem que queremos projetar, podemos adotar certas formas de falar que nos identificam com aquela comunidade.

Identidade Social

Assim, um jovem que utiliza "tu foi" pode estar, intencionalmente ou não, marcando sua informalidade, sua conexão com um grupo específico de amigos ou sua identidade regional.

Essa perspectiva nos ajuda a superar a ideia de que existe uma única forma "correta" de falar e nos leva a valorizar a diversidade linguística como um repertório de recursos que os falantes utilizam para navegar em suas interações sociais. Para um estudante universitário, essa compreensão é vital para uma análise crítica da linguagem e para a desconstrução de preconceitos.

O Desaparecimento Silencioso do "Vós": Uma Perda ou Uma Evolução?

Se o "tu" e o "você" travam uma batalha pela predominância, há um outro pronome que, no Português Brasileiro, já declarou sua rendição há muito tempo: o "vós". Raramente ouvimos alguém dizer "Vós sois brasileiros?" ou "Onde vós ides?". Sua presença é quase exclusiva de textos religiosos, literários arcaicos ou em contextos muito formais e protocolares, soando artificial para a maioria dos falantes.

O Processo de Substituição

Esse quase completo desaparecimento do "vós" é um exemplo marcante de como a língua pode simplificar seu sistema ao longo do tempo. O que antes era um pronome de segunda pessoa do plural, foi gradualmente substituído por "vocês", que, assim como "você", evoluiu de uma forma de tratamento ("Vossas Mercês").

Economia Linguística

Essa substituição trouxe uma maior regularidade ao sistema, já que "vocês" conjuga o verbo na terceira pessoa do plural, alinhando-se com "eles/elas". Essa mudança reflete uma tendência de economia linguística, onde formas mais complexas ou menos usadas são substituídas por outras mais simples ou mais frequentes.

Podemos pensar no "vós" como uma espécie que entrou em extinção linguística no Brasil, substituída por outra mais adaptada e funcional para o nosso contexto comunicativo. Para quem estuda para concursos, é importante saber que, embora o "vós" faça parte da gramática normativa, seu uso ativo no PB contemporâneo é praticamente nulo, sendo "vocês" a forma padrão para a segunda pessoa do plural.

Os Pronomes Clíticos: Pequenos Gigantes da Sintaxe

"Me dá uma ajuda?", "Dá-me um conselho", "Far-lhe-ei um favor".

Essas três frases, embora transmitam ideias semelhantes, apresentam uma variação notável na posição dos pronomes "me" e "lhe". Esses pronomes, que se "apoiam" no verbo, são conhecidos como **pronomes clíticos** (ou átonos) e sua colocação é um dos tópicos mais desafiadores e cheios de nuances da gramática portuguesa.

01

Próclise

Pronome antes do verbo

02

Mesóclise

Pronome no meio do verbo

03

Ênclise

Pronome depois do verbo

A colocação pronominal é como um complexo quebra-cabeça sintático. Existem regras claras na norma culta que determinam quando usar cada uma delas, envolvendo fatores como a presença de palavras atrativas (negativas, advérbios, pronomes relativos), o tempo verbal e a forma do verbo (infinitivo, gerúndio, particípio). Dominar essas regras é fundamental para a escrita formal e para a aprovação em exames.

No entanto, a complexidade não para por aí. A forma como esses pronomes são usados na fala cotidiana muitas vezes difere significativamente das regras prescritas pela gramática. Essa diferença entre o uso oral e a norma escrita é um campo fértil para a sociolinguística, revelando como a língua se adapta às diferentes necessidades comunicativas. Entender essa dualidade é crucial para uma visão completa do sistema pronominal e para evitar o preconceito linguístico.

Clíticos na Fala: A Liberdade do Uso Cotidiano

Se você prestar atenção nas conversas do dia a dia, vai notar que a colocação pronominal na fala brasileira tem suas próprias "regras", que muitas vezes se desviam da norma culta. É muito mais comum ouvir "Me empresta um lápis?" do que "Empresta-me um lápis?", ou "Te amo" em vez de "Amo-te". Essa preferência pela próclise (o pronome antes do verbo) na fala é um fenômeno amplamente estudado pela sociolinguística.

Por que a próclise domina na fala?

Essa "liberdade" na fala não é aleatória; ela é influenciada por fatores fonológicos e pragmáticos. A próclise, por exemplo, muitas vezes facilita a fluidez da pronúncia e a compreensão imediata, especialmente em contextos informais. É como um rio que, em seu curso natural, encontra o caminho de menor resistência, desviando das margens rígidas para seguir seu próprio fluxo. A língua falada busca a economia e a eficiência na comunicação.

"Me ajuda com isso?"

"Te ligo mais tarde!"

"Me dá um tempo."

Para um estudante ou candidato a concurso, é vital reconhecer que a língua falada possui sua própria lógica e que as construções que nela ocorrem não são necessariamente "erros", mas sim variações legítimas. O desafio é saber transitar entre esses registros, aplicando a norma culta na escrita formal e compreendendo a dinâmica da fala sem julgamentos. Essa flexibilidade é uma marca de um comunicador e analista linguístico competente.

Clíticos na Escrita: A Rigidez da Norma Culta

Enquanto a fala nos permite uma maior flexibilidade com os pronomes clíticos, a escrita formal, especialmente em contextos acadêmicos, profissionais ou de concursos, exige uma adesão rigorosa às regras da norma culta. Aqui, a colocação pronominal deixa de ser uma questão de preferência e se torna um critério de correção e adequação. É como um arquiteto que segue um projeto rigoroso para construir um edifício sólido e esteticamente correto.

Próclise na Escrita

Na escrita, a presença de palavras atrativas (como advérbios de negação, pronomes indefinidos, conjunções subordinativas) obriga a próclise:

- Não **se** preocupe
- Alguém **me** disse

Ênclise na Escrita

A ênclise é a regra geral quando não há fator atrativo e o verbo não está no futuro do presente ou futuro do pretérito:

- Diga-**me** a verdade

Mesóclise na Escrita

Já a mesóclise, embora menos comum, é obrigatória com verbos no futuro do presente ou futuro do pretérito, desde que não haja fator atrativo:

- Far-**lhe**-ei um favor
- Dir-**me**-ia a verdade

Dominar essas regras é um diferencial competitivo. Em provas de redação ou questões de gramática, a colocação pronominal é frequentemente avaliada. Portanto, a prática e a revisão constante são essenciais. Entender a diferença entre o uso na fala e na escrita não é para julgar um como superior ao outro, mas para saber qual registro utilizar em cada situação, garantindo clareza, formalidade e adequação.

Colocação Pronominal	Âmbito/Aplicação	Fatores Determinantes	Exemplo (Escrita Formal)
Próclise	Escrita formal, fala (preferencialmente)	Palavras atrativas (não, sempre, que, quem, se, etc.)	Não me disseram.
Ênclise	Escrita formal (ausência de atrativos)	Verbo no início da frase, imperativo, gerúndio, infinitivo	Diga- me a verdade.
Mesóclise	Escrita formal (verbos no futuro)	Verbos no futuro do presente/pretérito (sem atrativos)	Far- lhe -ei o bem.

Sociolinguística e Tecnologia: Novos Padrões de Variação

O advento da comunicação digital – redes sociais, aplicativos de mensagens, e-mails – não apenas transformou a forma como interagimos, mas também se tornou um verdadeiro laboratório para a variação e a mudança linguística. A Sociolinguística e Tecnologia, uma área em ascensão, investiga como esses novos ambientes digitais criam padrões únicos de uso da língua, inclusive no sistema pronominal.

Simplificação Digital

A informalidade e a velocidade exigidas pela comunicação digital muitas vezes levam a uma simplificação ou a uma reinterpretação das regras gramaticais. Por exemplo, a economia de caracteres em mensagens de texto pode levar à omissão de pronomes ou à preferência por formas mais curtas e diretas, como o "vc" no lugar de "você".

Próclise Digital

A colocação pronominal também é afetada, com a próclise informal ("Me manda um áudio") sendo ainda mais predominante e aceita em contextos digitais.



WhatsApp

Informalidade máxima,
próclise dominante,
abreviações frequentes



E-mail Profissional

Formalidade moderada,
norma culta aplicada,
colocação pronominal
cuidadosa



Redes Sociais

Variação ampla, criatividade
linguística, mistura de
registros

Podemos pensar nesse cenário como um ecossistema digital onde novas "espécies" linguísticas surgem e se adaptam rapidamente. As "normas" de uso em um grupo de WhatsApp podem ser muito diferentes das de um e-mail formal, e os falantes transitam entre elas com fluidez. Para os estudantes, entender essa dinâmica é crucial para uma comunicação eficaz em diferentes plataformas e para reconhecer que a língua está sempre em movimento, adaptando-se aos novos meios e contextos.

O Preconceito Linguístico e o Sistema Pronominal

Por que algumas formas de falar são consideradas "erradas" e outras "certas"? Essa pergunta nos leva diretamente ao cerne do debate sobre o **preconceito linguístico**, um tema central na obra de autores como Marcos Bagno. No contexto do sistema pronominal, o julgamento social sobre o uso de "tu foi" ou a próclise informal ("Me diga") é um exemplo claro de como a língua pode ser usada para discriminar.

Discriminação Social

O preconceito linguístico não é apenas uma crítica à gramática; ele está profundamente enraizado em estruturas de discriminação social. Quando alguém é corrigido ou ridicularizado por usar "tu foi", muitas vezes o que está em jogo não é apenas a "regra", mas a origem social, regional ou educacional do falante. É como um "filtro social" que julga a pessoa pela sua forma de falar, associando certas variantes a falta de educação ou inteligência.

1

Variação Linguística

Todas as formas de falar são sistemas lógicos e complexos

2

Julgamento Social

Certas variantes são estigmatizadas por preconceito

3

Discriminação

O "erro" linguístico se torna ferramenta de exclusão social

A sociolinguística nos ensina que todas as variedades linguísticas são sistemas complexos e lógicos em si mesmas. O que chamamos de "erro" é, na maioria das vezes, apenas uma diferença em relação à norma culta, que é uma das muitas variedades da língua, historicamente associada ao prestígio social. Discutir o preconceito linguístico é fundamental para promover uma visão mais inclusiva da língua e para combater a discriminação em todas as suas formas, capacitando os futuros profissionais a atuarem de forma mais ética e consciente.

Desafiando o Mito do "Erro": A Lógica Interna da Variação

A ideia de que existe uma única forma "certa" de falar e que qualquer desvio é um "erro" é um mito que a sociolinguística se empenha em desconstruir. A língua, em sua essência, é variação. Ela muda ao longo do tempo, de região para região, de grupo social para grupo social, e até mesmo dentro do mesmo indivíduo, dependendo da situação comunicativa. Pensar na língua como um rio que serpenteia, e não como um canal reto e artificial, nos ajuda a entender essa dinâmica.



Variação Temporal

A língua muda ao longo do tempo



Variação Geográfica

Diferenças entre regiões



Variação Social

Diferenças entre grupos sociais



Variação Situacional

Mudanças conforme o contexto

As construções que a gramática normativa classifica como "erros" – como o já discutido "tu foi" ou a próclise em contextos não atrativos – possuem uma lógica interna para os falantes que as utilizam. Elas não são fruto de ignorância, mas de sistemas linguísticos que se desenvolveram de forma diferente daquele que foi padronizado como "culto". Essas variações são funcionais e expressivas dentro de suas comunidades de fala.

Para um estudante universitário ou um candidato a concurso, desenvolver uma visão mais crítica e flexível sobre a língua é uma habilidade valiosa. Significa ser capaz de reconhecer a norma culta e aplicá-la quando necessário, mas também de compreender e respeitar a diversidade linguística. Essa perspectiva amplia a capacidade de análise textual, de comunicação intercultural e de atuação profissional em um mundo cada vez mais plural.

Aplicando o Conhecimento: Análise de Textos e Situações Reais

Agora que exploramos as nuances do sistema pronominal no PB, é hora de colocar esse conhecimento em prática. A teoria ganha vida quando a aplicamos na análise de textos e situações reais, transformando o estudante em um verdadeiro detetive linguístico, capaz de buscar pistas e desvendar os mistérios da comunicação.



Pense em uma letra de música popular, um diálogo de novela, um trecho de um jornal online ou até mesmo uma conversa em um aplicativo de mensagens. Quantas vezes você já se deparou com a variação entre "tu" e "você", com a mistura de concordâncias ou com a colocação pronominal que desafia a norma culta? A capacidade de identificar esses fenômenos, analisar seus contextos de uso e inferir suas funções sociais é uma habilidade poderosa.

Exemplo Prático

Por exemplo, ao analisar uma letra de rap que utiliza "tu" e "você" de forma variada, você pode identificar como o artista constrói sua identidade, se conecta com diferentes públicos ou expressa uma visão de mundo. Em um texto jornalístico, a escolha da colocação pronominal pode indicar o nível de formalidade e a intenção do autor.

Essa prática não só aprimora sua capacidade de interpretação textual para concursos, mas também aguça sua percepção sobre a língua em seu cotidiano, tornando-o um comunicador mais consciente e um observador mais atento da sociedade.

O Papel do Especialista: Entre a Norma e o Uso

Diante de toda essa complexidade e riqueza da variação linguística, qual é o papel do especialista em educação e desenvolvimento de conteúdo didático? Como um linguista, professor, revisor ou mesmo um comunicador profissional deve lidar com a tensão entre a norma culta e o uso real da língua? A resposta reside em um equilíbrio delicado, como um maestro que entende a partitura (a norma) mas também a interpretação e a expressividade dos músicos (o uso).

Ensinar a Norma Culta

Nosso papel não é o de juízes que condenam as formas não normativas, mas o de mediadores que explicam a lógica por trás de cada variação. É fundamental que sejamos capazes de ensinar a norma culta, pois ela é a base para a comunicação formal e para o acesso a certas esferas sociais e profissionais (como concursos e academia).

Respeitar a Diversidade

Contudo, devemos fazer isso sem estigmatizar as outras variedades, reconhecendo sua legitimidade e funcionalidade em seus próprios contextos.



Desmistificar o "erro"



Combater o preconceito linguístico



Capacitar para transitar entre registros

Promover uma visão inclusiva da língua significa desmistificar o "erro", combater o preconceito linguístico e capacitar os alunos a transitarem com fluidez entre os diferentes registros. Significa mostrar que a língua é uma ferramenta poderosa de expressão e identidade, e que a diversidade é sua maior riqueza. Essa abordagem não apenas forma profissionais mais competentes, mas também cidadãos mais conscientes e respeitosos das diferenças.

Consolidação e Próximos Passos

Chegamos ao fim de mais uma aula, e espero que você saia daqui com uma nova perspectiva sobre o sistema pronominal no Português Brasileiro. Vimos que a língua é um universo de variações, onde o "tu" e o "você" dançam em diferentes ritmos regionais e sociais, onde o "vós" se aposentou silenciosamente, e onde os pronomes clíticos se posicionam de maneiras distintas na fala e na escrita. Mais importante, compreendemos que essas variações não são "erros", mas manifestações da vitalidade e adaptabilidade da nossa língua, moldadas pela história, pela tecnologia e pela própria identidade dos falantes.

Em prática

Use o conhecimento adquirido para analisar a linguagem em seu dia a dia, seja em conversas informais, em textos de redes sociais ou em documentos formais. Questione os julgamentos sobre o "certo" e o "errado" e busque entender a lógica por trás das diferentes formas de expressão. Aplique a norma culta com confiança em contextos formais, mas celebre a riqueza da variação em todos os outros.

Autoavaliação

- Qual das seguintes afirmações melhor descreve a distribuição de "tu" e "você" no Português Brasileiro?
 - O uso de "tu" é predominante em todas as regiões do Brasil, enquanto "você" é restrito a contextos formais.
 - "Tu" e "você" são usados de forma intercambiável em todas as regiões, sem padrões claros de distribuição.
 - A distribuição de "tu" e "você" apresenta padrões geográficos e sociais distintos, com predominância de um ou outro em certas regiões.
 - O pronome "tu" está em processo de desaparecimento total no Brasil, sendo substituído apenas por "você".
- A construção "Tu foi" é um exemplo de variação morfossintática que:
 - É considerada um erro gramatical sem qualquer lógica interna ou aceitação social.
 - Demonstra a reanálise do pronome "tu" como uma forma de 2ª pessoa com concordância verbal de 3ª pessoa, comum em diversas regiões.
 - Indica a substituição completa do pronome "tu" pelo pronome "você" na fala informal.
 - É uma forma arcaica do português que não possui mais uso no Brasil contemporâneo.
- Sobre a colocação pronominal na fala e na escrita no PB, é correto afirmar que:
 - A mesóclise é a forma mais comum na fala informal, enquanto a próclise é exclusiva da escrita formal.
 - A próclise é fortemente preferida na fala, mesmo em contextos onde a norma culta exigiria ênclise, enquanto a escrita formal segue regras mais rígidas.
 - A ênclise é a única forma aceita tanto na fala quanto na escrita, independentemente do contexto.
 - A tecnologia digital eliminou as diferenças de colocação pronominal entre a fala e a escrita.
- A Sociolinguística da Terceira Onda, ao analisar a variação linguística, foca principalmente em:
 - Correlacionar estritamente a variação com classes sociais e níveis de escolaridade.
 - Descrever as regras gramaticais da norma culta e identificar desvios.
 - Compreender como os falantes utilizam a variação para construir identidades, estilos e agência social.
 - Prescrever a forma "correta" de falar para evitar o preconceito linguístico.
- Explique, em 3 a 5 linhas, como o debate sobre o preconceito linguístico, especialmente no que tange ao sistema pronominal, pode impactar a atuação de um profissional da educação ou de um candidato a concurso público.

Gabarito

1

Resposta: c)

A distribuição de "tu" e "você" apresenta padrões geográficos e sociais distintos, com predominância de um ou outro em certas regiões.

2

Resposta: b)

Demonstra a reanálise do pronome "tu" como uma forma de 2ª pessoa com concordância verbal de 3ª pessoa, comum em diversas regiões.

3

Resposta: b)

A próclise é fortemente preferida na fala, mesmo em contextos onde a norma culta exigiria ênclise, enquanto a escrita formal segue regras mais rígidas.

4

Resposta: c)

Compreender como os falantes utilizam a variação para construir identidades, estilos e agência social.

Questão 5 - Resposta Esperada:

O debate sobre preconceito linguístico capacita o profissional a reconhecer e respeitar a diversidade da língua, evitando julgamentos estigmatizantes sobre as formas de falar. Para candidatos a concursos, essa compreensão aprimora a análise crítica de textos e a produção de redações mais conscientes, permitindo diferenciar o uso normativo do uso real sem desvalorizar este último, além de promover uma postura mais inclusiva em sua futura atuação.

Próximos Passos e Recursos

Conexão com a Próxima Aula

Na **Aula 20 – Variação Morfossintática no PB: Estratégias de Relativização e Ordem**, continuaremos nossa exploração da variação no Português Brasileiro, focando em como construímos frases complexas e organizamos as informações, desvendando outros mistérios da nossa língua viva.

Recursos Adicionais



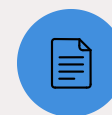
BAGNO, Marcos

Preconceito Linguístico: Como é que se faz? (Leitura essencial para aprofundar o debate sobre preconceito)



LABOV, William

Princípios da Mudança Linguística. (Obra fundamental para entender a teoria da variação e mudança)



NURC/PB

Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta do Português Brasileiro (Para consultar dados reais de uso da língua)

NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.